

Videoaula como Recurso Pedagógico na Educação Musical: um relato da produção de vídeo de solfejo

GTE 16 - Formação inicial e continuada de professores/as de música

Comunicação

Laura Almeida de Araújo¹
Universidade Federal do Ceará
lauraalmeida.ar@gmail.com

Luis Nome do(a) autor(a)²
Universidade Federal do Ceará
lfbezerraurbano@gmail.com

João Victor Miranda Leão dos Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
jvictormls@gmail.com

Gerardo Silveira Viana Júnior
Universidade Federal do Ceará
gerardovianajr@ufc.br

Resumo: Este artigo trata-se de um relato de experiência da produção de videoaulas para Educação Musical, no qual há uma análise da viabilidade, dos benefícios e das limitações do uso desse formato como recurso pedagógico complementar. Com equipamentos amadores, foi produzida uma videoaula de solfejo, posteriormente publicada no YouTube e divulgada para estudantes e professores de Licenciatura em Música. Em seguida, aplicou-se uma pesquisa avaliativa a fim de entender quais foram os pontos positivos e negativos no processo de ensino-aprendizagem. Foi possível constatar então, mediante os dados coletados, que o uso de recursos visuais e gráficos colaborou com a assimilação do conteúdo apresentado. No entanto, a duração do vídeo deve ser observada para que não se torne desestimulante.

Palavras-chave: Videoaula, Ensino a Distância, Solfejo.

Introdução

Muito antes do advento da *internet* e das novas mídias digitais, já eram buscadas alternativas para as tradicionais aulas presenciais. Ensino por correspondência, transmissão de aulas via rádio e cursos audiovisuais transmitidos em canais televisivos são alguns dos

¹ Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Funcap.

exemplos que podem ser citados entre as ferramentas tecnológicas que já foram, e são ainda, utilizadas na Educação (ALVES, 2001).

Com a popularização cada vez mais crescente da *internet*, as novas mídias, como as videoaulas e os *podcasts*, começaram a ocupar espaços no cotidiano das pessoas. Desde então, tais mídias digitais vêm sendo utilizadas com diversas finalidades, desde o entretenimento em si até a Educação: esses meios têm se tornado recursos cada vez mais buscados, seja por alunos ou por professores, a fim de trazer mais dinâmica e variedade às aulas. A pandemia de Covid-19 acelerou bruscamente essa busca pelo ensino remoto: com as aulas presenciais suspensas sem tempo prévio de preparo, docentes do mundo inteiro precisaram migrar completamente para os ambientes virtuais, procurando adaptar-se às aulas *online*.

A proposta do presente trabalho é investigar as possibilidades de utilizar as videoaulas como recurso complementar às disciplinas de um curso de Licenciatura em Música. Inicialmente, é apresentado um breve histórico dessa mídia e discutida a sua utilização em Educação Musical. Na seção seguinte, são apresentados os procedimentos metodológicos empregados no decorrer desta pesquisa e, por fim, são discutidos os principais resultados encontrados.

Contextualização e Referenciais

Videoaulas no Brasil: um breve histórico

Em contraponto à educação presencial, em que o público-alvo encontra-se concentrado em um mesmo espaço e mesmo momento, Daga *et al.* (2010) definem que a educação a distância (EaD) permite levar conhecimento a um público, por mais geograficamente disperso que se encontre, através de uma relação não-presente, podendo acontecer de forma simultânea quando de forma síncrona, ou permitindo acesso em momentos diferentes quando de forma assíncrona.

De acordo com Alves (2001), o marco histórico da criação da EaD no Brasil ocorreu em 1904, representando uma escola norte-americana. Em 1923 inicia-se a educação por rádio através da criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Roquette-Pinto, ampliando o acesso à educação por meio da radiodifusão. Entre as décadas de 1960 e 1980, houve a criação de entidades voltadas para o desenvolvimento da educação por

correspondência, sendo contabilizados, pelo Ministério da Educação (MEC), trinta e um estabelecimentos de ensino que aderiram à metodologia de EaD.

Dentre os diversos materiais utilizados nesse sistema, as videoaulas assíncronas passaram a ser bastante difundidas com a popularização da televisão, especificamente através dos telecurso. Para Moreira (2006), o projeto Telecurso era patrocinado pelas Organizações Globo através do instituto Fundação Roberto Marinho (FRM), de forma que as comunicações televisivas voltadas às massas passavam a recair diretamente sobre o processo educacional.

Alves (2001) aponta que, entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, houve avanço notável da EaD no Brasil, principalmente por meio de videoaulas assíncronas. O audiovisual teve bastante relevância nesse momento, sendo incontáveis os cursos em vídeo e áudio gravados em fitas magnéticas que ofereciam formas de autoaprendizagem, por meio de instruções programadas para microcomputadores. Ainda nesse período, Costa (2014) aponta a importância do envolvimento das Instituições de Ensino Superior com essa nova modalidade, agora reconhecida legalmente pela Lei no 9.394/96 (BRASIL, 1996).

A difusão da *internet* possibilita que os alunos acessem videoaulas com mais facilidade que outrora, graças ao crescente acesso às tecnologias necessárias tanto para produção, quanto para consumo desse conteúdo. Mattar (2009) aborda que a combinação da vastidão de vídeos *online* gratuitos com as inúmeras ferramentas disponíveis na *internet* traz oportunidades para integrar o conteúdo multimídia à EaD. Roesler *et al.* (2003), por sua vez, concluem que a comodidade para assistir a aula em casa, a economia de tempo, passagem e combustível e o conforto do ambiente caseiro são pontos positivos das aulas remotas. Quando aplicadas de maneira adequada, as videoaulas podem ser fortes ferramentas aliadas à educação.

Videoaulas e Educação Musical

Daniel Gohn (2003, p. 86) define a videoaula como sendo “um material didático, usualmente produzido com fins comerciais, que dedica-se a instruir o espectador em algum campo específico”. O formato em questão muitas vezes é utilizado como complemento para as disciplinas estudadas em sala de aula. A estratégia mostra-se positiva, como argumenta

João Mattar (2009, p. 3): “muitos alunos aprendem melhor quando submetidos a estímulos visuais e sonoros, em comparação com uma educação tradicional, baseada principalmente em textos”.

A Educação Musical também é diretamente tangida pela popularização desse formato. A Educação Musical *online*, para Silva e Campos (2019), é um meio pelo qual o professor disponibiliza materiais didáticos para o aluno, podendo ou não supervisionar os avanços do aprendiz. São diversos os cursos de Música que podem ser encontrados na *internet*, ofertados por instituições de ensino ou mesmo por professores autônomos. Dentre as possibilidades de aprendizagem musical via *web*, as videoaulas estão entre as mais populares.

Gohn (2013) chama atenção para certos cuidados que devem ser tomados em relação às aulas assíncronas de Música: por mais que os professores preparem de maneira cuidadosa os vídeos, existe o risco de não ser efetiva a intervenção do educador em ocasionais erros cometidos pelo discente, o que pode resultar em tensões musculares e lesões graves. A interação entre professor e aluno é necessária para a construção do conhecimento, principalmente quando lidamos com o aprendizado de um fazer prático, e cabe pensar em certas alternativas, tais como a gravação de vídeos pelos estudantes executando o conteúdo que foi ministrado, posteriormente recebendo devolutiva para corrigir eventuais equívocos, ou horários destinados a videoconferências voltadas especificamente para que dúvidas sejam sanadas.

Apesar dos ajustes que devem ser frequentemente pensados, Silva e Campos (2019) afirmam que o ensino de Música *online* é uma realidade, não podendo os professores e docentes em formação deixar de se inteirar com esses meios de ensino, pois, nesse novo paradigma, é a capacidade do profissional como facilitador na transmissão do conhecimento que o tornará competitivo para a inserção no mercado, não o currículo.

Videoaulas e a pandemia de Covid-19

No segundo semestre de 2019, foram notificados os primeiros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, causada por um agente desconhecido que posteriormente teve seu genoma viral sequenciado por Zhu *et al.*, em 2020. O vírus se propagou pelo mundo rapidamente, primeiro no continente asiático, já em janeiro daquele ano. Ainda no mesmo

mês, os primeiros casos foram descritos nos Estados Unidos da América, seguidos, no mês seguinte, pela primeira ocorrência notificada no Brasil, no estado de São Paulo (BRITO *et al.*, 2020).

As medidas desencadeadas pela pandemia – como isolamento social e quarentena – a partir de março de 2020 no Brasil, inicialmente por decretos estaduais que rapidamente atingiram o país inteiro, tornaram necessária a adoção de alternativas para a continuidade do funcionamento das atividades letivas nas escolas e universidades e o ensino remoto foi adotado, tornando o ambiente virtual indispensável para o processo de ensino-aprendizagem. A fim de atender a essa necessidade, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Portaria nº 343, publicada no dia 17 de março de 2020, decretou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia da Covid-19, para instituições de educação superior, integrantes do sistema federal de ensino.

Se, de acordo com pesquisa realizada pela Universidade de Twente (COLLIS, 2003 *apud* ROESLER *et al.*, 2003), existiria uma tendência da substituição gradativa do ensino tradicional para as novas tecnologias *web* na Educação, a pandemia de Covid-19 acabou por acelerar drasticamente tal processo, tornando inadiável a necessidade dos educadores se apropriarem dessas tecnologias para dar continuidade aos seus trabalhos.

O ensino de Música foi também afetado por esse contexto, enfrentando seus obstáculos e problemáticas específicos. De acordo com Barros (2020, p. 295),

As plataformas de videoconferência que estão sendo usadas para as aulas virtuais não foram concebidas para atividades e performances musicais, apresentando problemas de latência, fidelidade sonora e sincronização. Além do mais, os equipamentos para uma boa captação de áudio têm um custo bastante elevado, não sendo acessíveis para a maioria dos professores.

Apesar de o planejamento das videoaulas tratadas neste artigo ter se iniciado antes das medidas impostas pela pandemia, a emergência sanitária decorrente dela acabou, assim, por tornar o presente trabalho ainda mais relevante, pois as aulas presenciais foram impossibilitadas, o que levou muitos docentes a adotarem o recurso da videoaula, ou, pelo menos, a intensificar o seu uso.

Metodologia

O processo de produção da videoaula aconteceu em 3 fases: 3.1) planejamento em grupo; 3.2) produção da videoaula; 3.3) disponibilização e divulgação do material.

Planejamento em grupo

As atividades do TECDEMUS, grupo de pesquisa ao qual este trabalho está vinculado, se mantiveram remotamente a partir do mês de agosto de 2020. Os primeiros encontros foram voltados para a discussão e análise do material que serviria de base para a produção das videoaulas.

A partir da leitura de autores como Gohn (2013) e Silva *et al.* (2015), foi possível estabelecer previamente algumas noções que orientaram a produção do conteúdo. Por exemplo, no caso das aulas assíncronas, que foram as abordadas no presente estudo, é necessário atentar-se para questões como a necessidade de retorno para os estudantes, pois como traz Gohn (2013, p. 29),

A interação entre professor e alunos assegura a contínua construção de conhecimento, dosando as etapas no estudo dos instrumentos musicais para que tenham a duração apropriada, para que a assimilação de conteúdos aconteça de maneira segura e efetiva.

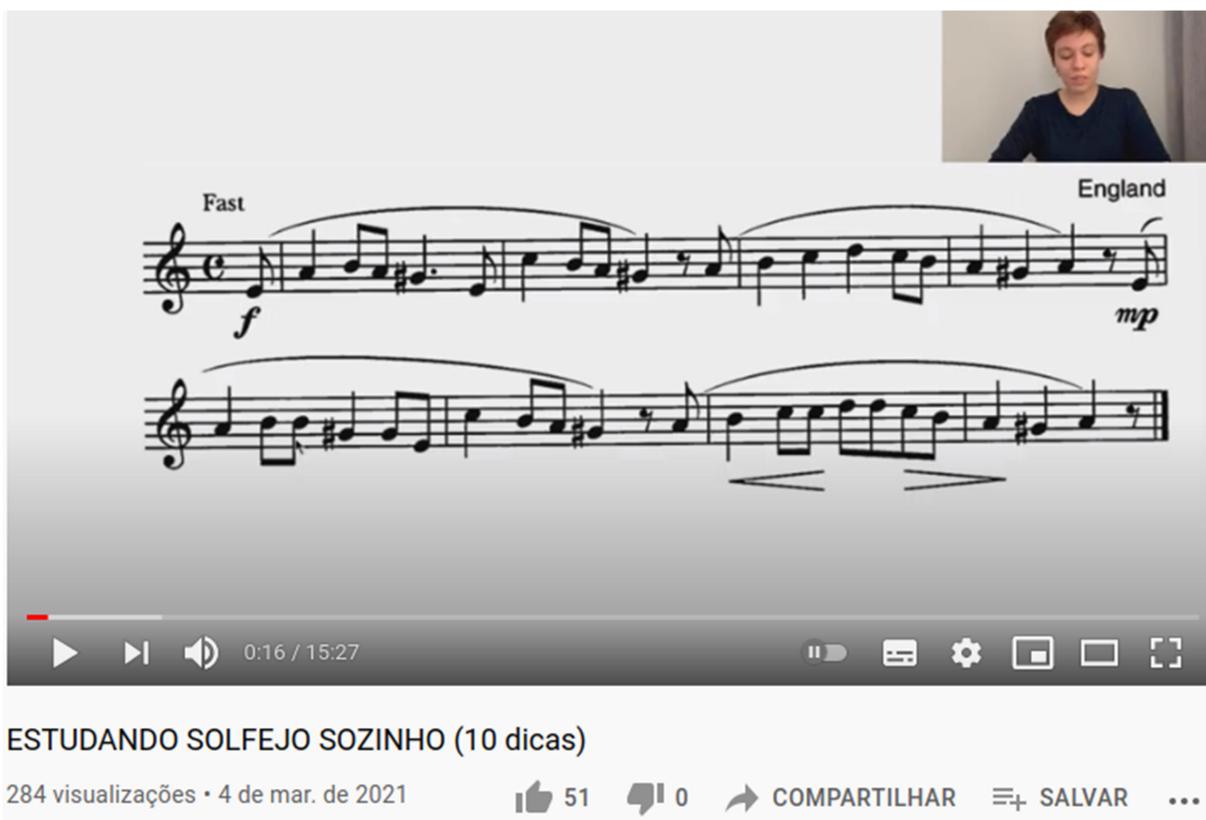
Através da leitura de tais artigos, foi descartada, por exemplo, qualquer possibilidade de desenvolvimento de videoaulas com mais de vinte minutos de duração, visto que isso se apresentou cansativo e desestimulante nas pesquisas consultadas. Levando em consideração as disciplinas que estavam sendo ministradas durante a pandemia, optou-se por abordar a temática do solfejo, tendo como perspectiva auxiliar os alunos a estudarem sozinhos, visto a dificuldade que muitos encontram em praticar quando não estão em coletivo.

O conteúdo do vídeo consistiu em uma adaptação do material didático de Kruger (2011) que dá orientações ao estudante acerca do estudo individual do solfejo. A partir desse referencial, elaboramos um roteiro que foi sendo paulatinamente aprimorado com vistas à correção de erros de conteúdo e inconsistências.

Disponibilização e divulgação do material

Após concluído o processo de produção, a videoaula foi publicada no YouTube, atualmente uma das plataformas de vídeo mais populares e que permite acesso gratuito. Como pré-definido, a versão final da videoaula não ultrapassou os vinte minutos, durando aproximadamente quinze minutos. À descrição do vídeo publicado, foi anexada uma ligação (“link”) para um questionário voltado para os professores e outro para os estudantes do curso, visando avaliar a qualidade do conteúdo audiovisual apresentado.

Figura 2: “Estudando solfejo sozinho (10 dicas)”, primeiro vídeo produzido.



Fonte: YouTube, < <https://www.youtube.com/watch?v=NPjciSdYhfc> >.

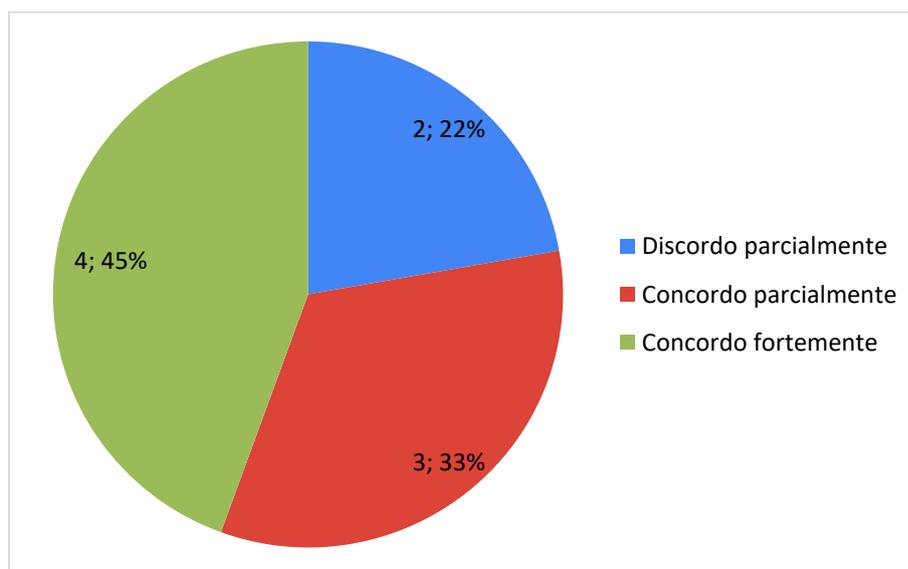
Resultados e discussão

A avaliação da qualidade da videoaula foi realizada, conforme já descrito, através de um questionário que constava na descrição do vídeo publicado no YouTube. Inicialmente, o *link* foi divulgado apenas para estudantes e professores do curso de Licenciatura em Música. É interessante observar que o número de respondentes foi bastante reduzido em

comparação ao número de pessoas que o assistiram: o vídeo obteve duzentas e oitenta visualizações ao longo de quatro meses, enquanto o formulário dos estudantes contou com apenas nove respostas. O formulário de professores obteve ainda menos: apenas uma pessoa respondeu, e devido à limitação do número de respostas, os resultados precisam ser relativizados na presente discussão.

Ainda assim, a análise dos dados, apresentados em seguida, serviu de referência para algumas aprendizagens decorrentes desse processo. Os dados coletados a partir das respostas dos estudantes nos questionários podem ser analisados observando os gráficos a seguir.

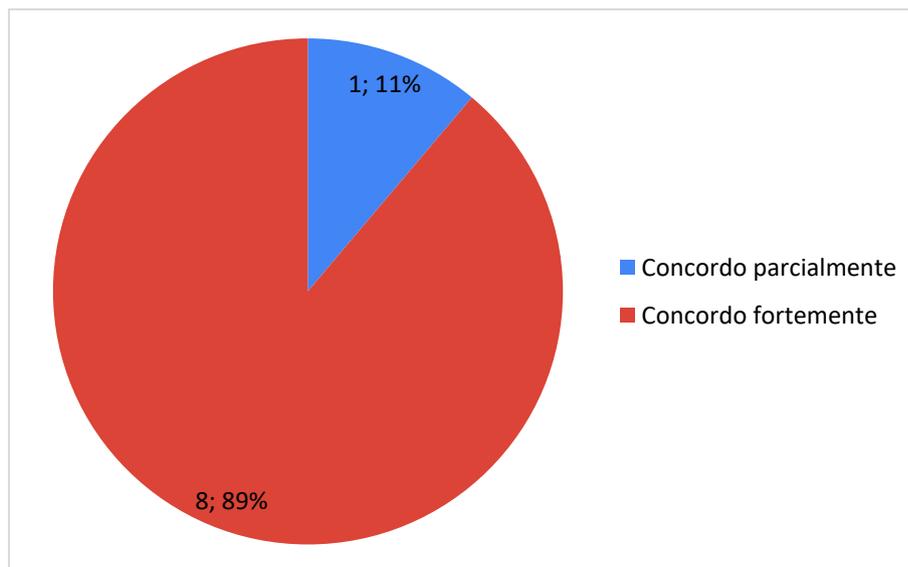
Gráfico 1: Resultados obtidos à primeira questão contida no formulário referente à primeira videoaula, “Eu já tinha familiaridade prévia com o formato de videoaulas”.



Fonte: planilha gerada a partir dos dados coletados.

78% dos estudantes afirmaram já ter familiaridade prévia com o formato de videoaulas. O resultado já era esperado, visto que, através da Portaria nº 343, de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) autorizou a substituição das disciplinas presenciais por aulas ministradas por meios digitais, incrementando o uso desses recursos nas aulas da graduação.

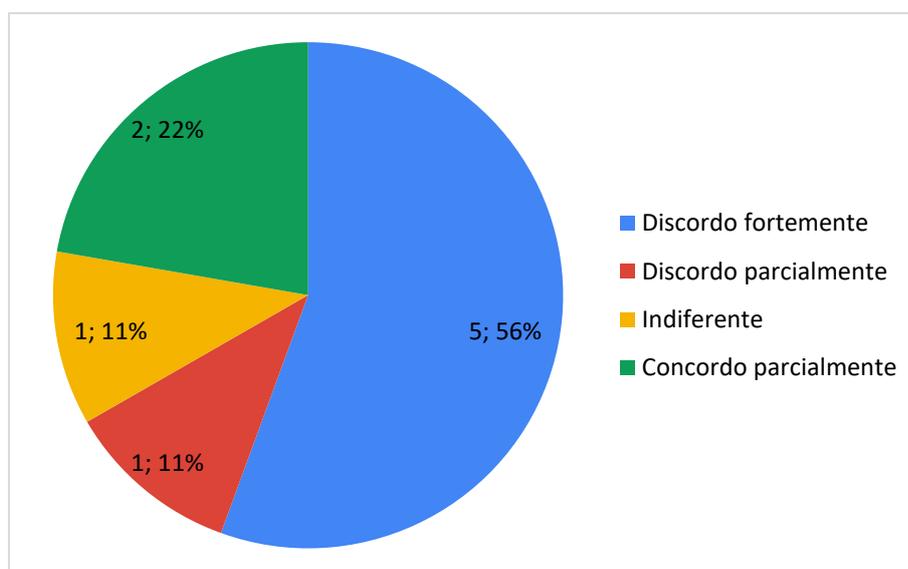
Gráfico 3: Resultados obtidos à questão “Os recursos gráficos do vídeo foram apresentados com nitidez”.



Fonte: planilha gerada a partir dos dados coletados.

No que se refere à qualidade dos recursos audiovisuais, gráficos e edição de vídeo, a avaliação foi positiva, considerando que todas as respostas concordaram que a qualidade do áudio permitiu a compreensão do conteúdo, e 89% dos participantes responderam que concordam fortemente que os recursos gráficos do vídeo foram apresentados com nitidez, constando apenas uma resposta (11%) como “concordo parcialmente”. Isso indica ser possível a produção de videoaulas de boa qualidade, mesmo na ausência de equipamentos profissionais para gravação.

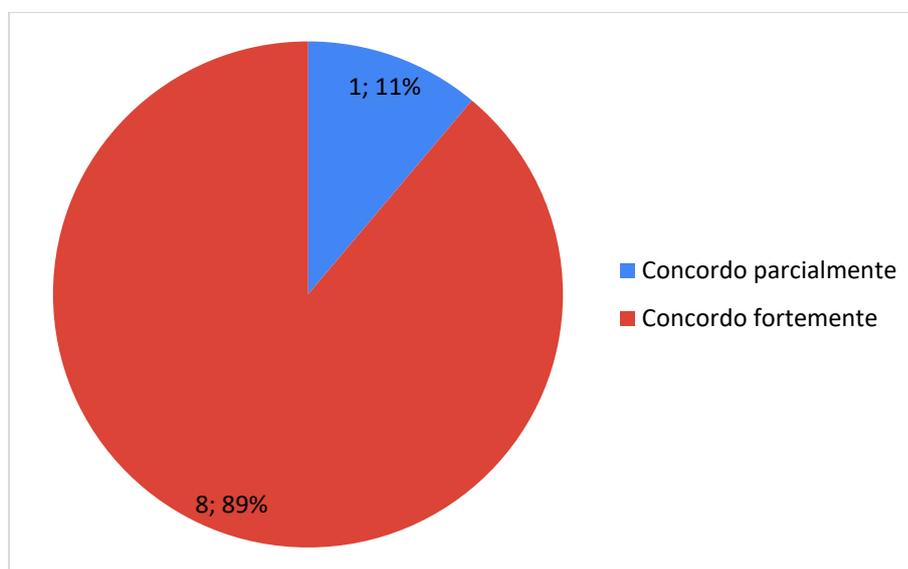
Gráfico 4: Resultados obtidos à questão “A duração do vídeo o deixou cansativo”.



Fonte: planilha gerada a partir dos dados coletados.

Levando em consideração Silva *et al.* (2015), que aponta que videoaulas com duração maior que trinta minutos costumam ser desestimulantes para os alunos, definiu-se que os vídeos não passariam de vinte minutos. No entanto, as respostas ao formulário mostram que a aula de quinze minutos também não produziu engajamento satisfatório: 22% dos alunos concordam que a duração do vídeo o deixou cansativo, enquanto 11% respondeu com neutralidade.

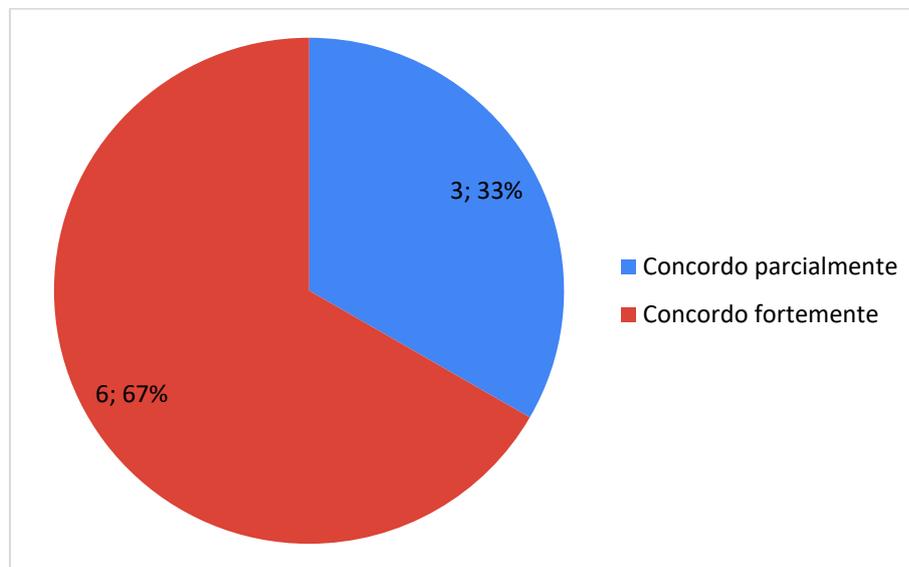
Gráfico 5: Resultados obtidos à questão “Eu consegui compreender o assunto abordado na aula”.



Fonte: planilha gerada a partir dos dados coletados.

Ainda que as pessoas tenham julgado a aula cansativa devido ao seu tamanho, a pesquisa aponta que isso não foi impedimento para o processo de aprendizado, já que todos conseguiram compreender o assunto abordado, também não havendo prejuízo na motivação para assistir à videoaula até o final, como apontado no gráfico a seguir.

Gráfico 6: Resultados obtidos à questão “Eu me senti motivado a assistir à videoaula até o final”.



Fonte: planilha gerada a partir dos dados coletados.

Considerações finais

Na perspectiva de utilização de videoaulas como material complementar para o curso de Licenciatura em Música, com os recursos utilizados para o que foi produzido, no que se refere à qualidade dos recursos visuais, áudio, recursos gráfico e edição, os resultados obtidos indicaram uma boa aceitação do público participante, mesmo com recursos tecnológicos limitados.

Por outro lado, a significativa quantidade de respostas considerando cansativa a experiência, encaminhou o grupo para a ampliação da pesquisa: novos vídeos estão sendo planejados levando em consideração as avaliações obtidas. Atualmente, já está disponível no YouTube outra videoaula⁴, com duração mais curta, em que as informações foram expostas com maior fluidez.

Ademais, uma amostra significativa de população, um número maior de participantes respondentes, pode trazer dados mais esclarecedores no que se refere à qualidade da utilização da videoaula como material complementar para as aulas de Educação Musical, fazendo-se assim necessária a continuidade da pesquisa.

4 Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y2M7rjUgb9Y&t=3s> >.

Referências

- ALVES, João Roberto Moreira. *Educação à distância e as novas tecnologias de informação e aprendizagem*. 2001. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/download/cp/NOVAS%20TECNOLOGIAS/M1/leitura%20anexa%206.pdf>>. Acesso em: 16 de julho de 2021.
- BARROS, M. H. F. (2020). *Educação musical, tecnologias e pandemia*. OuvirOUver, v. 16, n. 1, p. 292-304.
- BRASIL. *Decreto no 1.917, de 27 de maio de 1996*. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e Funções Gratificadas do Ministério da Educação e do Desporto e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 maio 1996.
- BRITO, Sávio Breno Pires *et al.* *Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology)*–Visa em Debate, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020.
- DAGA, Aline Cassol *et al.* *Uma breve revisão histórica do papel das videoaulas na EaD no Brasil*. Working Papers em Linguística, v. 11, n. 2, p. 53-66, 2010.
- GOHN, Daniel Marcondes. *Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- GOHN, Daniel M. *A Internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais*. Revista da ABEM, v. 21, p. 25-34, 2013.
- KRUGER, Carol. *Progressive Sight Singing*. 2. Ed. Oxford University Press: New York, 2011.
- MATTAR, João. *YouTube na educação: o uso de vídeos em EaD*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009.
- MOREIRA, João Flávio de Castro. *Os telecursos da Rede Globo: a mídia televisiva no sistema de educação a distância (1978-1998)*. 2006. 181 p. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, UNB, 2006.
- ROESLER, V.; CERON, J.; ANDRADE, M. *Aulas remotas on-line utilizando transmissão de vídeo: estudo de caso na Informática da Unisinos*, Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE, 2003.
- SILVA, Thiago Alex; CAMPOS, Pamella Castro Rodrigues. *O Ensino de Música Online: o uso da videoaula como ferramenta na educação musical*. In: XXIV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. 2019.
- SILVA, T. R.; ARANHA, E. H. S.; OLIVEIRA, W.; Fernandes, K. T.; LUCENA, M. J. N. R. (2015) *Investigando dois formatos de videoaulas de programação de jogos digitais para alunos do ensino médio*. In: XXI Workshop de Informática na Escola – WIE, p.187- 196.

ZHU, Na *et al.* *A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019.* New England journal of medicine, 2020.